

Características Pessoais dos Empreendedores: Análise Teórico Conceitual de Construtos e Definições

Pedro Afonso Cortez – cor.afonso@gmail.com

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Heila Magali da Silva Veiga – heila.veiga@gmail.com

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Área temática: Gestão da Inovação e Empreendedorismo

Resumo

As características pessoais dos empreendedores são amplamente investigadas por meio de diversos construtos e definições. Essa multiplicidade de definições resulta em confusões teóricas e empíricas na literatura, acerca da operacionalização dos construtos. Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi identificar e distinguir os construtos e definições que versam sobre as características pessoais dos empreendedores. Para tanto, realizou-se um levantamento sistemático da literatura em língua portuguesa e inglesa entre 2000 e 2014 abrangendo os seguintes descritores: *perfil empreendedor*, *entrepreneur profile*, *entrepreneurial profile*, *atitude empreendedora*, *entrepreneurial attitude*, *entrepreneur attitude*, *características empreendedoras*, *entrepreneurial characteristics*, *entrepreneur characteristics*. No total analisaram-se 25 artigos na íntegra, os quais demonstram a existência de inconsistências conceituais em relação às características pessoais relacionadas ao empreendedorismo. Entre os construtos investigados, verificou-se relevância teórica e empírica para a atitude empreendedora, personalidade empreendedora e potencial empreendedora. Além disso, não foram encontrados na literatura evidências que justifiquem a utilização do construto perfil empreendedor em estudos posteriores. Por fim, sugere-se que estudos futuros empreendam maiores esforços na distinção teórica e empírica dos conceitos relativos às características pessoais relacionadas ao empreendedorismo, pois somente com maior clareza acerca do fenômeno que se investiga é que será possível atingir avanços consideráveis na literatura em questão com impacto nas organizações de trabalho.

Palavras-chave: Atitude Empreendedora, Perfil Empreendedor, Empreendedorismo

1. Introdução

A palavra empreender é originária do latim medieval (*imprehendere*) e surgiu por volta do século XV significando a realização de empreendimento laborioso e difícil ou, em um sentido prático, colocar em execução uma determinada tarefa (SCHMIDT & BOHNENBERGER, 2009). Partindo da historiografia econômica, verifica-se que as primeiras referências ao termo empreendedor ocorreram na França, no século XVIII, tendo seu uso datado no ano 1709. Entretanto, o uso do termo empreendedor somente foi utilizado para se referir a alguém que controla uma empresa por volta de 1770, mediante a proposição do termo por Abbé Galiani, que se popularizou nos escritos de Saint Simon por volta de 1823 (BRAUDEL, 1982).

Já a utilização do termo empreendedor como aquele que controla uma empresa coincide com o contexto de época em que, conjuntamente à produção artesanal, emergia na França empresas com características capitalistas (BRAUDEL, 1982). No decorrer dos anos, em meados do século XIX, o conceito se ampliou e alterou o significado associando-se aos domínios de política, guerra, dinheiro, justiça e designando sujeitos com relativa influência na realidade social até por fim do século XVIII (VÉRIN, 1982). É no início do século XIX, com o desenvolvimento de trabalhos pelos economistas ingleses, que o termo empreendedor se associou à ideia de provedor de capital financeiro, prosperando principalmente pela influência do exorbitante crescimento industrial (HÉBERT & LINK, 2010).

No século XIX o termo empreendedor é incorporado formalmente a literatura, principalmente inglesa, referindo-se ao empreendedor como aquele sujeito aventureiro ou *undertaker*, em outras palavras, o empresário que acumulava capitais (HOSELITZ, 1952). Especificamente sobre o resgate do termo, em tempos mais recentes, atribui-se o uso desse conceito a Schumpeter, o qual fez uso dessa definição em seus estudos sobre inovação e desenvolvimento econômico (SCHUMPETER, 1985). Em seu contexto de época, Schumpeter insere o empreendedor como central no desenvolvimento das economias capitalistas, sendo o sujeito responsável pela implementação da inovação que permite o progresso econômico.

Partindo-se ainda da proposição de outros estudiosos da economia, os quais também versaram sobre o tema, nota-se que o empreendedor teve a imagem associada a diversas figuras ao longo da história, tal como a de um executivo, responsável por decidir frente a incertezas (KNIGHT, 2012); manter-se em alerta para identificar oportunidades (KIRZNER, 1979); e introduzir inovação no mercado (BAUMOL, 2005). No entanto, grande parte das elaborações recentes dos estudos econômicos versa sobre o conceito de empreendedor utilizando as ideias de Schumpeter como primordial (VALE, 2014).

Destacam-se ainda, no decorrer da evolução do conceito, as contribuições sociológicas de Weber (1958) que definiu como elemento fundamental para o sucesso do empreendedor a capacidade de inovação mediante a racionalização de todas as variáveis do empreendimento. Outros autores sociológicos associaram o empreendedor àquele excluído socialmente, o qual mediante a assunção de riscos e comportamentos desviantes estabeleceria iniciativas destoantes do padrão vigente (HOSELITZ, 1957; DANA, 2007). Já na segunda metade do século XX, nota-se outra contribuição ímpar para a compreensão do conceito de empreendedor (BAUM, FRESE, BARON, & KATZ, 2007). Dessa vez, partindo da psicologia, especificamente por meio dos estudos de McClelland (1965) os quais analisaram os fatores psicológicos que predispõem um indivíduo ao empreendedorismo. Em seus estudos, McClelland (1972) partiu das motivações e características pessoais para compreender o que distingue o empreendedor dos demais indivíduos.

A despeito da longa tradição de investigações acerca do empreendedor, observa-se ainda embates teóricos relevantes e questões conceituais relativas a temática não resolvidas (HISRICH, LANGAN-FOX, & GRANT, 2007; FRESE & GIELNIK, 2014). Um dos

aspectos que contribui para a falta de clareza na literatura é a sobreposição conceitual, entre os construtos relacionados às características pessoais dos empreendedores, tais como: criatividade, e inovação (FILION, 1999; PERREN, 2000; NASSIF, ANDREASSI, & SIMÕES, 2011). Para contribuir para uma compreensão mais ampla sobre o tema propôs-se o levantamento sistemático de literatura, a fim de identificar e distinguir os construtos e definições que versam sobre as características pessoais dos empreendedores.

2. Método

2.1 Critérios empregados no levantamento sistemático de literatura

Para possibilitar a execução da bibliometria, o primeiro passo foi definir as palavras-chave. Dado que o principal foco de interesse do presente trabalho refere-se às características pessoais relacionadas ao empreendedorismo optou-se por elencar as seguintes palavras-chave, as quais tiveram maior ocorrência entre os estudos levantados a priori: *perfil empreendedor, entrepreneur profile, entrepreneurial profile, atitude empreendedora, entrepreneurial attitude, entrepreneur attitude, características empreendedoras, entrepreneurial characteristics, entrepreneur characteristics*.

Na sequência, elegeu-se como modalidade textual artigos científicos por ser a principal forma de comunicação das evidências empíricas entre a comunidade científica. A base de dados utilizada para a busca dos artigos foi o Portal de Periódicos da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), durante o período de março a maio de 2015, incluindo apenas artigos em língua portuguesa e inglesa. Na primeira busca dos artigos definiu-se como recorte temporal o período de 2000 a 2014, o que resultou em 1089 artigos. Desses artigos, foram selecionados 209 por relacionarem algum termo voltado ao empreendedorismo no título do trabalho. Em seguida, realizou-se a leitura dos resumos dos artigos, excluindo aqueles que não se adequavam ao tema de características pessoais relacionadas ao empreendedorismo. Assim, alcançou-se o total de 122 artigos.

Após leitura exploratória dos artigos científicos, apurou-se que grande parte dos trabalhos utilizava de construtos citados uma única vez e sem recorrência na literatura recente. Por esse motivo, assumiu-se como inexequível a revisão de literatura com 122 artigos e optou-se por incluir apenas os artigos relacionados na literatura recente, o período de 2010 a 2014. Como resultado obteve-se o total de 25 artigos a serem analisados na íntegra. Destaca-se ainda que o critério de definição temporal para revisão de literatura empírica relativa aos últimos cinco anos é comum em temas investigados interdisciplinares, como é o caso do empreendedorismo (COLLA & CUNHA, 2011; CORDEIRO, SANCHES, CAVALCANTE, PEIXOTO, & LACERDA, 2014; GARCIA, 2005).

2.2 Descrição dos estudos encontrados

No que tange à vinculação institucional dos autores, houve predominância de contribuições brasileiras, com um total de sete trabalhos (BARBOSA & DURANTE, 2013; FILARDI, BARROS, & FISHMAN, 2014; IIZUKA & MORAES, 2014; ROCHA & FREITAS, 2014; SILVA, 2014; SOUZA & SILVA, 2011; ZAMPIER & TAKAHASHI, 2011). Tiveram também cinco trabalhos norte-americanos (ANDRÉ, 2013; CHRYSOSTOME, 2010; OBSCHONKA, SCHMITT-RODERMUND, SILBEREISEN, GOSLING, & POTTER, 2013; SANTANDREU-MASCARELL, GARZON, & KNORR, 2013; SHANE & NICOLAOU, 2013), três artigos portugueses (MARQUES, FERREIRA, RODRIGUES, & FERREIRA, 2011; SANTOS, CAETANO, & CURRAL, 2010; ZINGA, COELHO, & CARVALHO, 2013), dois estudos alemães (OBSCHONKA, ANDERSSON, SILBEREISEN, & SVERKE, 2013; OBSCHONKA, SILBEREISEN, & SCHMITT-RODERMUND, 2012) e duas pesquisas da Malásia (CHOE, LOO, & LAU, 2013; LOPE PIHIE & BAGHERI, 2011). Outros países contribuíram com apenas um estudo, como é o

caso do Canadá (MATHIEU & ST-JEAN, 2013), Chile (SEPULVEDA & BONILLA, 2011), Espanha (ARRIBAS, HERNANDEZ, URBANO, & VILA, 2012), Irlanda (REZAEI-ZADEH, HOGAN, O'REILLY, CLEARY, & MURPHY, 2014) e Peru (MORALES & MARQUINA, 2013) e a Polônia (TYSZKA, MACKO, CIEŚLIK, & DOMURAT, 2011).

Além disso, considerando-se o recorte temporal da revisão de literatura, nota-se a maior incidência de publicação no ano de 2013 com o total de dez estudos, seguido de 2011 com sete investigações e 2014 com quatro investigações. Já em 2010 e 2012 ocorreram os menores números de publicações inclusas na presente revisão com o total de duas contribuições para cada um dos respectivos anos. Quanto ao método empregado nos estudos, apreende-se a predominância de abordagem quantitativa, com um total de dezessete trabalhos, seguida de qualitativa com seis e multimétodo com dois representantes. A forma de coleta dos dados predominante foram os questionários (*surveys*) com dezessete ocorrências, seguido de análise documental com quatro ocorrências. Três estudos empregaram entrevistas e apenas uma investigação utilizou de observação. Para análise dos dados a principal técnica utilizada nos estudos foram as estatísticas inferenciais com dezesseis estudos e as estatísticas descritivas com oito ocorrências, já a análise de conteúdo foi empregada somente em um estudo.

3. Resultados

Em relação aos construtos empregados nos estudos, apreende-se elevada dispersão conceitual, uma vez que entre os 25 estudos levantados, foram empregados 14 conceitos em estudos relativos às características pessoais do empreendedor. Entre eles observaram-se oito com ocorrência única nos estudos levantados na bibliometria, sendo eles: características empreendedoras (FILARDI ET AL., 2014), coordenador empreendedor (SILVA, 2014), empreendedor imigrante (CHRYSTOSTOME, 2010), empreendedor por necessidade ou oportunidade (TYSZKA ET AL., 2011), habilidade empreendedora (MORALES & MARQUINA, 2013), intenção empreendedora (MATHIEU & ST-JEAN, 2013), intraempreendedorismo (BARBOSA & DURANTE, 2013) e postura empreendedora (ZINGA ET AL., 2013). Já entre os construtos com recorrência nos estudos estão as competências empreendedoras (OBSCHONKA ET AL., 2012; REZAEI-ZADEH ET AL., 2014; SANTANDREU-MASCARELL ET AL., 2013; ZAMPIER & TAKAHASHI, 2011), atitude empreendedora (ARRIBAS ET AL., 2012; CHOE ET AL., 2013; LOPE PIHIE & BAGHERI, 2011), personalidade empreendedora (MATHIEU & ST-JEAN, 2013; OBSCHONKA, SCHMITT-RODERMUND, ET AL., 2013; OBSCHONKA ET AL., 2012), potencial empreendedor (IIZUKA & MORAES, 2014; MORALES & MARQUINA, 2013; SANTOS, CAETANO, & CURRAL, 2010), perfil empreendedor (IIZUKA & MORAES, 2014; SOUZA & SILVA, 2011) e desempenho empreendedor (CHOE ET AL., 2013; SHANE & NICOLAOU, 2013). Houveram ainda estudos que não definiram claramente a variável investigada e adotaram a nomenclatura “empreendedor” de forma genérica para qualificar indivíduos que possuem e desenvolvem o próprio negócio (ANDRÉ, 2013; OBSCHONKA, ANDERSSON, ET AL., 2013; SEPULVEDA & BONILLA, 2011). Nesse sentido, definiu-se como critério para análise teórico-conceitual apenas os construtos que apresentaram ao menos duas ocorrências entre os textos revisados, o que resultou nos seguintes construtos: competências empreendedoras, atitude empreendedora, personalidade empreendedora, potencial empreendedor, perfil empreendedor e desempenho empreendedor.

Sendo assim, considerando-se apenas os construtos mais recorrentes na literatura, iniciou-se a análise teórico-conceitual pelo conceito de competências empreendedoras. Para Zampier e Takahashi (2011) as competências empreendedoras são definidas como um corpo de conhecimento, área ou habilidade, qualidades pessoais ou características, atitudes ou visões, motivações ou direcionamentos que, de diferentes formas, podem contribuir para o

pensamento ou ação efetiva do negócio (SNELL & LAU, 1994) e que permite um indivíduo imprimir ações, estratégias e sua visão na criação de valor, tangível e intangível, para a sociedade (ANTONELLO, 2005). Já Rezaei-Zadeh et al. (2014) partem da concepção de que as competências empreendedoras representam certas características ou capacidades da pessoa, que permitem a execução de ações empreendedoras, incluindo identificação de oportunidades, criação e manutenção de negócios (BOYATZIS, 1982), enquanto Santandreu-Mascarell et al. (2013) utilizam a proposta de Garzón (2010) que concebe as competências empreendedoras como um construto multidimensional, composto por realização (oportunidade e iniciativa, assunção ao risco, demanda por eficiência e qualidade, persistência, comprometimento com o contrato de trabalho); planejamento (busca por informações, orientação à meta, planejamento sistemático e monitoramento) e poder (persuasão e rede de contatos, independência e auto-eficácia). Ainda sobre as competências empreendedoras, Obschonka et al. (2012) não trazem uma definição para o construto, apenas citam fatores relacionados a ele, como liderança, invenção e execução de atividade comercial.

Dessa forma, nota-se que os modelos de competências empreendedoras adotados pelos estudos divergem entre si. Nos estudos de Zampier e Takahashi (2011) e Santandreu-Mascarell et al. (2013) a origem das competências empreendedoras situa-se na tipologia de McClelland abrangendo oportunidade e iniciativa, assunção ao risco, eficiência e qualidade, persistência, comprometimento com o trabalho, busca por informação, orientação à meta, planejamento e monitoramento sistemático do trabalho, rede de contatos e auto-eficácia, por meio de operacionalização realizada por outros autores (COOLEY, 1990; GARZÓN, 2010). No entanto, o estudo de Zampier e Takahashi (2011) ainda inclui outra tipologia, a qual agrupa as evidências empíricas em seis eixos de competências distintos: oportunidade, relacionamentos, conceituais, administrativas, estratégicas e comprometimento (MAN & LAU, 2000), dando ênfase para as características pessoais do indivíduo.

No caso da investigação de Rezaei-Zadeh et al. (2014) a origem do uso do termo competência é atribuído a Boyatzis (1982) e enfatiza o aspecto comportamental, a medida em que propõe como competências empreendedoras o conjunto de características que permitem a demonstração de comportamentos estritamente relacionados ao sucesso e manutenção do empreendimento. A pesquisa realizada por Obschonka et al. (2012) não apresenta definição para o construto competências empreendedoras e emprega uma medida estritamente comportamental buscando avaliar experiências prévias na adolescência relacionadas ao empreendedorismo (SCHRÖDER & SCHMITT-RODERMUND, 2006). Logo, é possível verificar que os estudos sobre competências empreendedoras oscilam entre compreender as características pessoais a partir de tipologias que partem de traços estáveis ou relacionadas a comportamentos contextualizados que agreguem desempenho a atividade empreendedora, tal como proposto por Boyatzis (1982).

Tratando-se sobre a atitude empreendedora, Choe et al. (2013) concebem-na como um construto multidimensional abrangendo uma estrutura tripartite (cognição, afeto e comportamento) a partir de cinco fatores (realização, auto-eficácia, auto-controle, inovação e reconhecimento de oportunidades). Arribas et al. (2012) não apresentam definição para a atitude empreendedora tratando o construto como a associação entre a intenção de empreender do indivíduo e a manutenção de comportamentos de investimento mesmo com alto grau de risco. Enquanto Lope Pihie e Bagheri (2011) também partem do modelo tripartite de atitude (cognição, afeto e comportamento) para designar a atitude empreendedora como um construto multidimensional representado pelos fatores realização, auto-eficácia, auto-controle e inovação (Robinson, et al. 1991). No caso do modelo utilizado por Choe et al. (2013) e Lope Pihie e Bagheri (2011) a proposta parte do estudo de Robinson et al. (1991) em que os fatores são operacionalizados a partir da concepção tripartite de atitude (LINDZEY, GILBERT, & FISKE, 1998).

Nota-se ainda diferença entre os fatores elencados pelos estudos sobre atitude empreendedora, uma vez que Choe et al. (2013) incluem o fator reconhecimento de oportunidades para designar o construto, a partir de evidência sugerida pela literatura (MCCLINE, BHAT, & BAJ, 2000), ao passo em que Lope Pihie e Bagheri (2013) mantém a medida original proposta por Robinson, et al. (1991). Já em relação à pesquisa realizada por Arribas et al. (2012) não existe um modelo teórico que sustente a proposição de atitude dos autores, o que torna limitada a contribuição deste estudo para a compreensão do conceito de atitude empreendedora, uma vez que sem definição e modelo teórico, não é possível afirmar que se trata de uma medida de atitude. Por essa razão, apreende-se que ao tratar sobre o construto atitude empreendedora, o modelo teórico predominante refere-se à concepção tripartite de atitude (LINDZEY ET AL., 1998), a partir da proposta de Robinson et al. (1991).

Em relação ao construto personalidade empreendedora Obschonka, Schmitt-Rodermund, et al. (2013) definem-na como um conjunto de traços do modelo Big Five em termos de níveis mais elevados de extroversão, conscienciosidade e abertura à experiência, conjuntamente a níveis mais baixos em afabilidade e neuroticismo (SCHMITT-RODERMUND, 2004, 2007; OBSCHONKA ET AL, 2010,). De forma semelhante, Mathieu e St-Jean (2013) também utilizam do modelo Big Five para caracterizar a personalidade empreendedora, mas não apresenta definição constitutiva do construto, descrevendo-o apenas em termos de elevados níveis de extroversão e abertura à experiência, conjuntamente a baixos graus de neuroticismo e afabilidade.

Essa proposição de personalidade empreendedora também aparece na investigação de Obschonka et al. (2012), a qual define o construto como o maior escore possível em extroversão, conscienciosidade e abertura à experiência, associado ao menor escore possível em afabilidade e neuroticismo (SCHMITT-RODERMUND, 2004, 2007). Sendo assim, ao tratar sobre a definição de personalidade empreendedora a literatura não designa um construto independente, refere-se a uma associação de níveis específicos de fatores encontrados no construto *Big Five*, o que permite questionar se a terminologia utilizada é adequada ou se não contribui para maior confusão conceitual na área, sugerindo de forma equivocada a existência de um construto independente chamado personalidade empreendedora, ao passo em que se trata do construto *Big Five*.

No que tange ao potencial empreendedor Iizuka e Moraes (2014) definem o construto como o conjunto de experiências que predis põem o indivíduo para a criação do próprio negócio. Entre os fatores que o compõem são relacionados pelos autores a importância do apoio da mãe (MURRAY & CABRAL, 1978), a existência de parentes de primeiro grau com negócio próprio (MATTHEWS & MOSER, 1996; SCHERER, ADAMS, & WIEBE, 1989) e atividades anteriores ao período universitário descritas pelos autores como: “quanto maior e mais diversificado o conjunto de atividades realizadas, maior o potencial empreendedor do estudante” (IIZUKA & MORAES, 2014, P. 606). Por sua vez, Morales e Marquina (2013) adotam para a definição do construto a ideia de que potencial empreendedor define as pessoas que não começaram seus negócios ainda, mas conseguem se imaginar fazendo isso em um futuro próximo (YOUR FUTURE, YOUR PROFIT PROJECT, 2006, APUD MORALES & MARQUINA, 2013).

De maneira divergente às propostas de Iizuka e Moraes (2014) e Morales e Marquina (2013) que associam o potencial empreendedor, respectivamente, às experiências ou a vontade de criar um próprio negócio, Santos et al. (2010) prevê o potencial empreendedor como um construto composto pelos fatores desejo de independência; motivação econômica; capacidade de inovação; inteligência emocional; resiliência; capacidade de comunicação e persuasão; capacidade para desenvolver redes sociais; auto-eficácia empreendedora; visão; capacidade para mobilizar recursos e capacidade para liderar. Segundo Santos et al. (2010) o modelo teórico do potencial empreendedor pode ainda ser agrupado em quatro dimensões de

segunda ordem, sendo elas: as motivações empreendedoras, as competências psicológicas, as competências sociais e as competências de gestão (SANTOS, CAETANO, CURRAL, & SPAGNOLI, 2010). Nesse sentido, verifica-se que não há consenso entre os autores quanto à definição do construto potencial empreendedor, nem sobre os fatores que o compõem, ora designando aspectos contextuais que possibilitam a expressão do empreendedorismo, ora atribuindo características pessoais relacionadas a manifestação do ato de empreender, ao passo em que existe na literatura ainda estudos que buscam integrar ambos aspectos.

Em relação ao perfil empreendedor, Souza e Silva (2011) utilizam dos fatores propostos por Schmidt e Bohnenberger (2009) para defini-lo: auto-eficaz, assume riscos calculados, planejador, detecta oportunidades, persistente, sociável, inovador e líder. Cabe destacar que os fatores elencados por Schmidt e Bohnenberger (2009) surgem por meio de levantamento assistemático de estudos relacionados ao empreendedorismo, os quais foram agrupados e nomeados pelos autores, sem qualquer esclarecimento quanto a distinção no que tange à definição operacional deles. Iizuka e Moraes (2014) também fazem uso dos fatores para definir o perfil empreendedor. No estudo eles relacionam os fatores necessidade de realização, auto-eficaz, inovador, liderança e persuasão, detecta oportunidades, persistência, sociável e rede de contatos, planejador, autoconfiança e assume riscos calculados como aqueles que representam o perfil empreendedor, a partir da junção das medidas desenvolvidas por Hecke (2011) e Bohnenberger, Schmidt, & Freitas (2007, APUD SCHIMIDT E BOHNENBERGER, 2009). É interessante ressaltar que Souza e Silva (2011) nomeiam os fatores referentes ao perfil empreendedor como características atitudinais dos empreendedores, o que sugere confusão conceitual na proposta dos autores. Além disso, nos dois estudos (SOUZA & SILVA, 2011; IIZUKA E MORAES, 2014) é apresentado o percurso histórico de desenvolvimento do conceito de empreendedor partindo de diversas áreas, mas pontuando a contribuição significativa de McClelland (1987), tal como realizado pela literatura referente à atitude empreendedora (ROBINSON, STIMPSON, HUEFNER, & HUNT, 1991).

Dessa forma, é possível questionar a relevância do construto perfil empreendedor, pois as evidências encontradas na revisão literatura parecem apontar a sobreposição conceitual entre o perfil empreendedor e a atitude empreendedora, o que é um fenômeno comum e recorrente na literatura nacional (BASTOS, 1994). Entre os dois modelos, o construto atitudinal apresenta maior consistência teórica, uma vez que apresenta clareza conceitual quanto à definição e operacionalização a partir da concepção tripartite de atitude (LINDZEY ET AL., 1998). Além disso, a nomenclatura perfil pode conduzir a confusões conceituais frente aos estudos de personalidade, uma vez que se associam a ideia de traço estável, a qual não é possível afirmar em relação a maior parte dos construtos referentes ao empreendedorismo no nível individual considerando-se as evidências apontadas por estudos recentes (FRESE & GIELNIK, 2014).

Referindo-se a performance empreendedora, verifica-se que a definição adotada pelo estudo de Shane e Nicolaou (2013) restringe a definição do construto a quantidade de dólares obtidos mensalmente pelo empreendedor por meio do negócio próprio. Já o sentido empregado por Choe et al. (2013) para o desempenho empreendedor refere-se à auto-avaliação do empreendedor quanto ao desempenho do próprio negócio frente as demais empresas do mesmo nicho de mercado. Assim, nota-se que a performance empreendedora é um construto que se refere a organização, voltando-se ao resultado aferido pelo empreendedor, seja por meio indicadores externos (renda aferida) ou auto-avaliação. Dessa forma, admite-se o construto performance empreendedora como irrelevante para a compreensão das características pessoais dos empreendedores, uma vez que se refere ao nível macro (resultados da firma), o que diverge do nível micro no qual situam-se as características pessoais dos empreendedores.

4. Discussão

Com base na análise teórico-conceitual realizada a partir do levantamento sistemático de literatura verifica-se que existem inconsistências conceituais em relação às características pessoais relacionadas ao empreendedorismo, uma vez que entre os diversos construtos há elevada dispersão teórica. Além disso, apreendem-se problemas na operacionalização dos fatores referentes aos construtos, pois entre construtos com nomenclatura similar a estrutura fatorial não é compatível ou não possui significado equivalente. Outro problema da literatura da área refere-se à excessiva proposição de termos sem a devida definição constitutiva ou marco teórico que demonstre a validade daquela proposição.

De forma geral, entre os construtos analisados, a atitude empreendedora mostrou-se o conceito com definição constitutiva e operacional de maior clareza na literatura. Ademais, também se verifica relevância nos conceitos de competência empreendedora, personalidade empreendedora e potencial empreendedor, desde que sejam respeitados os aspectos teóricos que fundamentam suas proposições. No caso da competência empreendedora, deve-se enfatizar o comportamento de forma contextualizada com ênfase em resultados, tal como na acepção de Boyatzis (1982), enquanto o construto personalidade empreendedora deve ter em sua nomenclatura alguma referência ao modelo *Big Five*, pois não se trata de um construto autônomo, mas de um agrupamento específico de fatores previamente existente na concepção teórica dos cinco grandes fatores de personalidade. Já o construto potencial empreendedor também é passível de distinção entre os demais conceitos, desde que seja compreendido de forma semelhante aquela empreendida por Iizuka e Moraes (2014), na qual o construto versa sobre experiências pessoais que predisõem ao empreendedorismo. De outra forma, ao tratar sobre aspectos pessoais, o construto potencial empreendedor parece diluir-se em meio aos conceitos de competências e atitudes empreendedoras, perdendo sua relevância na literatura.

É importante ressaltar ainda o caso do construto perfil empreendedor. A terminologia perfil designa erroneamente a tradição utilizada em sua acepção, a qual parte do modelo de atitudes, ao invés do modelo de traços. Os traços propostos na literatura por McClelland (1987) no início da investigação das características pessoais dos empreendedores serviram apenas como elementos fundantes para a proposição de medidas atitudinais voltadas às características pessoais dos empreendedores, sendo, portanto, incoerente a nomenclatura do construto e sua operacionalização. Além disso, por se tratar de um construto voltado para inferências acerca de atitudes, nota-se maior relevância do conceito atitude empreendedora em detrimento ao perfil empreendedor. Dessa forma, apesar da recorrente utilização do termo em senso comum para designar às características pessoais dos empreendedores, não é possível verificar aporte teórico na literatura que justifique a relevância e replicação do termo em investigações posteriores.

Por último, frente às considerações propostas, sugere-se que estudos futuros empreendam maiores esforços na distinção teórica e empírica dos conceitos relativos às características pessoais relacionadas ao empreendedorismo, pois somente com maior clareza acerca do fenômeno que se investiga é que será possível atingir avanços consideráveis na literatura em questão, a fim de impactar em estratégias e estudos relevantes no âmbito das organizações de trabalho.

Referências

ANDRÉ, R. An Examination Of The Competitive Attitudes Of Entrepreneurs: Implications For Entrepreneurial Orientation At The Individual Level. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, v. 18, n. 02, p. 1350008, 2013.

- ANTONELLO, C. S. A metamorfose da aprendizagem organizacional: uma revisão crítica. *Os novos horizontes da gestão: aprendizagem organizacional e competências*. Porto Alegre: Bookman, p. 12–33, 2005.
- ARRIBAS, I. *et al.* Are social and entrepreneurial attitudes compatible? A behavioral and self-perceptional analysis. *Manag. Decis.*, v. 50, n. 10, p. 1739–1757, 2012.
- BARBOSA, S. M. C.; DURANTE, D. G. Secretariado Executivo e Empreendedorismo: Realidade ou Utopia? *Revista de Gestão e Secretariado*, Vol 4, Iss 1, Pp 56-74 (2013), 2013.
- BASTOS, A. V. B. Confusão conceitual no estudo de atitudes no trabalho. *Temas em Psicologia*, v. 2, n. 3, p. 97–108, 1994.
- BAUM, J. R. *et al.* Entrepreneurship as an area of psychology study: An introduction. *The psychology of entrepreneurship*, p. 1–18, 2007.
- BAUMOL, W. Microtheory of entrepreneurship: More exists than is recognized. *GT Vinig en RCW van der Voort (eds.), Research on Technological Innovation, Management and Policy*, v. 9, p. 27–35, 2005.
- BOYATZIS, R. E. *The competent manager: A model for effective performance*. [S.l.]: John Wiley & Sons, 1982.
- BRAUDEL, F. *Civilization and Capitalism, 15th-18th Century: The wheels of commerce*. [S.l.]: Univ of California Press, 1982. v. 2.
- CHOE, K.-L.; LOO, S.-C.; LAU, T.-C. Exploratory study on the relationship between entrepreneurial attitude and firm's performance. *Asian Social Science*, v. 9, n. 4, p. 144–149, 2013.
- CHRYSTOSTOME, E. The success factors of necessity immigrant entrepreneurs: In search of a model. *Thunderbird International Business Review*, v. 52, n. 2, p. 137–152, 2010.
- COLLA, J. E.; CUNHA, M. A. V. C. Perspectivas da Sociedade da Informação na Pesquisa de Tecnologia da Informação no Setor Público Brasileiro: um Estudo Bibliométrico. *Perspectivas*, v. 8, p. 5–2011, 2011.
- COOLEY, L. Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance. *Final Report. Contract No. DAN-5314-C-00-3074-00*. Washington: USAID, 1990.
- CORDEIRO, R. A. *et al.* Pesquisa Quantitativa em Finanças: Uma Análise das Técnicas Estatísticas Utilizadas por Artigos Científicos Publicados em Periódicos Qualificados no Triênio 2007-2009. *Revista de Administração da UFSM*, v. 7, n. 1, p. 117–134, 2014.
- DANA, L. P. *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship: A Co-evolutionary View on Resource Management*. [S.l.]: Edward Elgar Publishing, 2007.
- FILARDI, F.; BARROS, F. D.; FISHMAN, A. A. Do Homo Empreendedor ao Empreendedor Contemporâneo: Evolução das Características Empreendedoras de 1848 a 2014. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, Vol 13, Iss 3, Pp 123-140 (2014), 2014.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, v. 34, n. 2, 1999.

FRESE, M.; GIELNIK, M. M. The psychology of entrepreneurship. *Annu. Rev. Organ. Psychol. Organ. Behav.*, v. 1, n. 1, p. 413–438, 2014.

GARCIA, A. Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 285–294, 2005.

GARZÓN, M. D. A comparison of personal entrepreneurial competences between entrepreneurs and CEOs in service sector. *Service Business*, v. 4, n. 3-4, p. 289–303, 2010.

HÉBERT, R. F.; LINK, A. Historical perspectives on the entrepreneur. *Historical Perspectives on the Entrepreneur (June 21, 2010). Foundations and Trends in Entrepreneurship*, v. 2, n. 4, 2010

HECKE, A. P. *A intenção empreendedora dos alunos concluintes dos cursos de graduação em administração em ciências contábeis das instituições de ensino superior de Curitiba-PR (Dissertação de Mestrado)*, Universidade Federal do Paraná. 2011.

HISRIC, R.; LANGAN-FOX, J.; GRANT, S. Entrepreneurship Research and Practice. *American Psychologist*, v. 62, n. 6, p. 575–589, 2007.

HOSELITZ, B. F. Entrepreneurship and Economic Growth*. *American Journal of Economics and Sociology*, v. 12, n. 1, p. 97–111, 1 out. 1952.

HOSELITZ, B. F. Noneconomic factors in economic development. *The American Economic Review*, p. 28–41, 1957.

IIZUKA, E. S.; MORAES, G. H. S. M. A analysis of the potential and entrepreneurial profile of business administration students and university environment: reflections for educational institutions. *Administracao: Ensino e Pesquisa RAEP*, v. 15, n. 3, p. 593, 2014.

KIRZNER, I. M. *Perception, opportunity, and profit: Studies in the theory of entrepreneurship*. [S.l.]: Chicago: University of Chicago Press, 1979.

KNIGHT, F. H. *Risk, Uncertainty and Profit*. [S.l.]: Courier Corporation, 2012.

LINDZEY, G.; GILBERT, D.; FISKE, S. T. *The handbook of social psychology*. [S.l.]: Oxford University Press, 1998.

LOPE PIHIE, Z. A.; BAGHERI, A. Malay secondary school students' entrepreneurial attitude orientation and entrepreneurial self-efficacy: A descriptive study. *Journal of Applied Sciences*, v. 11, n. 2, p. 316–322, 2011.

MAN, T. W.; LAU, T. Entrepreneurial competencies of SME owner/managers in the Hong Kong services sector: A qualitative analysis. *Journal of Enterprising Culture*, v. 8, n. 03, p. 235–254, 2000.

MARQUES, C. *et al.* The contribution of yoga to the entrepreneurial potential of university students: a SEM approach. *Int Entrep Manag J*, v. 7, n. 2, p. 255–278, 2011.

MATHIEU, C.; ST-JEAN, É. Entrepreneurial personality: The role of narcissism. *Personality and Individual Differences*, v. 55, n. 5, p. 527–531, 2013.

MATTHEWS, C. H.; MOSER, S. B. A Longitudinal Investigation of the Impact of Family Bac. *Journal omeall Business Management; Apr*, v. 34, p. 2, 1996.

MCCLELLAND, D. C. Characteristics of successful entrepreneurs. *The journal of creative behavior*, 1987.

MCCLINE, R. L.; BHAT, S.; BAJ, P. Opportunity recognition: An exploratory investigation of a component of the entrepreneurial process in the context of the health care industry. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 25, n. 2, p. 81–94, 2000.

MORALES, C.; MARQUINA, P. S. Entrepreneurial skills, significant differences between Serbian and German entrepreneurs. *Journal of CENTRUM Cathedra*, v. 6, n. 1, p. 129, 2013.

MURRAY, E. J.; CABRAL, Á. *Motivação e emoção*. [S.l: s.n.], 1978.

NASSIF, V. M. J.; ANDREASSI, T.; SIMÕES, F. COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: HÁ DIFERENÇAS ENTRE EMPREENDEDORES E INTRAEMPREENDEDORES?. *RAI: Revista de Administração e Inovação*, v. 8, n. 3, p. 33–54, 2011.

OBSCHONKA, M. *et al.* Rule-breaking, crime, and entrepreneurship: A replication and extension study with 37-year longitudinal data. *Journal of Vocational Behavior*, v. 83, n. 3, p. 386–396, 2013.

OBSCHONKA, M. *et al.* The Regional Distribution and Correlates of an Entrepreneurship-Prone Personality Profile in the United States, Germany, and the United Kingdom: A Socioecological Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 105, n. 1, p. 104–122, 2013.

OBSCHONKA, M.; SILBEREISEN, R. K.; SCHMITT-RODERMUND, E. Explaining Entrepreneurial Behavior: Dispositional Personality Traits, Growth of Personal Entrepreneurial Resources, and Business Idea Generation. *Career Development Quarterly*, v. 60, n. 2, p. 178–190, 2012.

PERREN, L. Comparing Entrepreneurship and Leadership: A textual analysis. *The Council for Excellence in Management and Leadership*, 2000.

REZAEI-ZADEH, M. *et al.* Using Interactive Management to Identify, Rank and Model Entrepreneurial Competencies as Universities' Entrepreneurship Curricula. *The Journal of Entrepreneurship*, v. 23, n. 1, p. 57–94, 2014.

ROBINSON, P., B. *et al.* An attitude approach to the prediction of entrepreneurship. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, v. 15, n. 4, p. 13–31, 1991.

ROCHA, E. L. DE C.; FREITAS, A. A. F. Evaluation of teaching entrepreneurship among university students by means of an entrepreneur profile/Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor.(artículo en português). *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, v. 18, n. 4, p. 465, 2014.

SANTANDREU-MASCARELL, C.; GARZON, D.; KNORR, H. Entrepreneurial and innovative competences, are they the same? *Manag. Decis.*, v. 51, n. 5, p. 1084–1095, 2013.

SANTOS, S. C.; CAETANO, A.; CURRAL, L. Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo: Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, v. 9, n. 4, p.2-14, 2010.

SCHERER, R. F.; ADAMS, J. S.; WIEBE, F. A. Developing entrepreneurial behaviours: A social learning theory perspective. *Journal of Organizational Change Management*, v. 2, n. 3, p. 16–27, 1989.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 13, n. 3, p. 450, 2009.

SCHMITT-RODERMUND, E. Pathways to successful entrepreneurship: Parenting, personality, early entrepreneurial competence, and interests. *Journal of Vocational Behavior*, v. 65, n. 3, p. 498–518, 2004.

SCHMITT-RODERMUND, E. The long way to entrepreneurship: Personality, parenting, early interests, and competencies as precursors for entrepreneurial activity among the “Termites”. *Approaches to positive youth development*, p. 205–224, 2007.

SCHRÖDER, E.; SCHMITT-RODERMUND, E. Crystallizing enterprising interests among adolescents through a career development program: The role of personality and family background. *Journal of Vocational Behavior*, v. 69, n. 3, p. 494–509, 2006.

SCHUMPETER, J. O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. *A teoria do desenvolvimento económico*, 1985.

SEPULVEDA, J. P.; BONILLA, C. THE ATTITUDE TOWARD THE RISK OF ENTREPRENEURIAL ACTIVITY: EVIDENCE FROM CHILE. *Academia-Revista Latinoamericana De Administracion*, n. 46, p. 72–80, 2011.

SHANE, S.; NICOLAOU, N. The genetics of entrepreneurial performance. *International Small Business Journal*, v. 31, n. 5, p. 473–495, 2013.

SILVA, M. A. Coordenador Gestor, Coordenador Pedagógico ou Coordenador Empreendedor: Análise do Perfil de Coordenadores de Curso em IES Privada. *Future Studies Research Journal : Trends and Strategies*, Vol 6, Iss 2, Pp 74-102 (2014), 2014.

SOUZA, J. R. M. D.; SILVA, C. E. Metodologias de estímulo à criatividade e inovação no desenvolvimento de empreendedores: uma revisão teórica. *Revista Brasileira de Administração Científica*, v. 2, n. 1, p. 68, 2011.

TYSZKA, T. *et al.* Motivation, self-efficacy, and risk attitudes among entrepreneurs during transition to a market economy. *Journal of Socio-Economics*, v. 40, n. 2, p. 124–131, 2011.

VALE, G. M. V. Empreendedor: Origens, Concepções Teóricas, Dispersão e Integração. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, v. 18, n. 6, p. 874–891, 2014.

VÉRIN, H. *Entrepreneurs, entreprise: histoire d'une idée*. [S.l.]: Presses universitaires de France, 1982. v. 2.

WEBER, M. The Protestant ethic and the spirit of capitalism, trans. *Talcott Parsons* (New York: Charles Scribner's Sons, 1958), v. 182, 1958.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa Entrepreneurial competencies and processes of entrepreneurial learning: a conceptual research model. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 9, n. 1, p. 564, 2011.

ZINGA, A.; COELHO, A.; CARVALHO, F. Clustering of Angolan entrepreneurs: an analysis of their entrepreneurial posture. *Int Entrep Manag J*, v. 9, n. 4, p. 483–500, 2013.